

**A REVISÃO HISTÓRICA COMO FORMA DE REAFIRMAÇÃO DA  
UNIDADE NACIONAL BRASILEIRA: O PROJETO DE BRASIL  
EM NELSON WERNECK SODRÉ**

**THE HISTORICAL REVIEW AS A FORM OF REAFFIRMATION  
OF THE BRAZILIAN NATIONAL UNIT: THE BRAZIL PROJECT  
IN NELSON WERNECK SODRÉ**

**LA REVISIÓN HISTÓRICA COMO FORMA DE REAFIRMACIÓN  
DE LA UNIDAD NACIONAL BRASILEÑA: EL PROYECTO  
BRASIL EM NELSON WERNECK SODRÉ**

**Marco Túlio Martins**

Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Pires do Rio  
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
Área de Concentração: Planejamento e Gestão do Território  
marco.martins@ueg.br

**Rita de Cássia Martins de Souza**

Docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia-MG  
Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)  
ritacmsou@gmail.com

**Resumo:** O trabalho intitulado “*A revisão histórica como forma de reafirmação da unidade nacional brasileira: o projeto de Brasil em Nelson Werneck Sodré*” analisa algumas temáticas que são destaques nas três obras de um intelectual expressivo do século XX, sobretudo, colocando em evidência a questão da unidade nacional, algo indispensável nas produções de Sodré. A temática central do artigo toma destaque pelo papel desempenhado pela “revisão histórica” realizada por vários intelectuais do início do XX apresentada no sentido de consolidação da unidade nacional brasileira

**Palavras-Chave:** Unidade Nacional Brasileira; Formação Territorial; Revisão Histórica

**Abstract:** The work entitled “The historical review as a way of reaffirming Brazilian national Unity: the Project of Brazil in Nelson Werneck Sodré” analyzes some themes that are highlighted in the three works of an expressive intellectual of the 20th century, above all, highlighting the issue of national Unity, something indispensable in Sodré’s Productions. The central theme of the article is highlighted by the role played by the “historical review” carried out by several intellectuals from the beginning of the 20th, presented in the sense of consolidating the Brazilian national Unity.

**Keywords:** Brazilian National Unit; Territorial Formation; Historical Review.

**Resumen:** El trabajo titulado “La revisión histórica como una forma de reafirmar la unidad nacional brasileña: el proyecto de Brasil en Nelson Werneck Sodré” analiza algunos temas que se destacan en las tres obras de un intelectual expresivo del siglo XX, sobre todo, destacando el tema de unidad nacional, algo indispensable en las

producciones de Sodré. El tema central del artículo se destaca por el papel desempeñado por la "revisión histórica" realizada por varios intelectuales desde principios del siglo XX, presentada en el sentido de consolidar la unidad nacional brasileña.

**Palabras Clave:** Unidad Nacional Brasileña; Formación territorial; Reseña histórica

## INTRODUÇÃO

Nelson Werneck Sodré produziu uma obra extensa que apresentou como um dos principais eixos de análise a formação territorial brasileira. Os conhecimentos históricos e geográficos adquiridos por esse intelectual adveio de uma formação interna nas escolas militares que historicamente nunca deixaram de destacar a importância das disciplinas História e Geografia (esta, tida como possibilidade de um conhecimento detalhado do território), nos seus currículos. Esses conhecimentos históricos e geográficos apareceram na obra werneckiana direcionando as elaborações do autor no que diz respeito ao Brasil.

A primeira fase intelectual do autor, denominada de fase da maturidade (1938-1954), marcada por concepções autoritárias e positivistas, esteve diretamente vinculada a esse eixo de análise principal que o autor desenvolveu, qual seja, a apresentação de uma revisão histórica e geográfica do Brasil.

A segunda fase intelectual do autor, denominada de consolidação do pensamento (1954-1964) e a terceira<sup>1</sup>, denominada de síntese (1965-1999)<sup>2</sup> apresentaram também como eixo de análise a formação histórica e geográfica brasileira, porém, com uma concepção dialética, vinculada ao materialismo histórico e dialético de Marx, marcando assim outra etapa do desenvolvimento intelectual do autor.

A visão de mundo<sup>3</sup> de Nelson Werneck Sodré, na primeira fase intelectual, apresentou uma particularidade maior sobre essa revisão histórica e geográfica. Essa

---

<sup>1</sup> A obra *Introdução à Geografia* (1976) integra essa última fase intelectual de Sodré. Nessa produção ele buscou responder ao que a ciência Geografia, produzida nas décadas iniciais do século XX no Brasil, respondia, ou seja, a que "serviço" ela estava. Com ela, Nelson Werneck Sodré contraria o arcabouço teórico utilizado por ele nas suas produções da década de 1930 e 1940. Não será explorado, detalhadamente, nesta pesquisa essa produção de Sodré, porém a ressalva é válida para destacar o quanto a ciência Geografia era importante para esse intelectual militar, que viu a necessidade de uma avaliação crítica sobre ela, sobretudo, quando se sabe que ele não teve nela uma formação *stricto sensu*.

<sup>2</sup> Conforme proposição de Cunha (2002).

<sup>3</sup> "Acrescentando o termo social – visão social de mundo –, queremos insistir em dois aspectos: a) trata-se da visão de mundo social, isto é, de um conjunto relativamente coerente de idéias [sic] sobre o homem, a sociedade, a história, e sua relação com a natureza (e não sobre o cosmos ou a natureza enquanto tais); b)

proposta do autor foi realizada em algumas de suas obras e estava em acordo direto com aquelas propostas do Estado para com o território e, sobretudo, para com a formação e consolidação de uma identidade nacional brasileira no momento da escrita de sua obra.

A revisão histórica e geográfica realizada por Nelson Werneck Sodré na sua primeira fase intelectual<sup>4</sup> buscou responder a alguns problemas que diziam respeito à Formação do Brasil: a consolidação da unidade e integração do território bem como ao projeto de identidade nacional.

Para responder e propor questões para o Brasil, o autor, “junto” aos grupos de intelectuais ao qual pertencia, elaborou um discurso interligado diretamente àquelas propostas pelo Estado brasileiro, conseqüentemente ao projeto de Brasil que vem sendo pensado e encaminhado pelas classes dominantes do país.

O discurso do autor referente a esse período (1938-1945) foi apresentado em três principais obras e alguns artigos da sua primeira fase. Nas três obras aqui em análise, *Panorama do Segundo Império (1939)* *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* e *Formação da Sociedade Brasileira (1944)* estão presentes uma “revisão” histórica e geográfica do Brasil desde os momentos do descobrimento<sup>5</sup> à década de 1930 do século XX<sup>6</sup>.

Nelson Werneck Sodré, do mesmo modo que os intelectuais do período (1930-1940), utilizou-se do “método” da “revisão histórica”, no sentido de revisitar a História do Brasil descrita até os finais do século XIX e início do XX (re) contando-a com o objetivo de aproximá-la da ideia de necessidade da consolidação da nação e manutenção da integridade do território.

Isso significa dizer que, aqueles intelectuais do final do século XIX e início do século XX, como parte integrante das classes dominantes do país, tomaram a história do passado como suporte para fazer uma história do futuro, projetando o país. Foi assim que os grupos de intelectuais no Brasil, por meio de seus escritos, contribuíram efetivamente para a elaboração de um projeto de nação. Por isso, alguns temas são encontrados quase que majoritariamente nas obras desses intelectuais, por exemplo: o

---

esta visão de mundo está ligada a certas posições sociais (Standortgebundenheit) – o termo é de Mannheim –, isto é, aos interesses e à situação de certos grupos e classes sociais.” (LÖWY, 1996, p.16).

<sup>4</sup> Somente será discutida a primeira fase intelectual do autor (1938-1954), pois, esta é a fase que está em análise nesta pesquisa.

<sup>5</sup> Essa revisão aparece desde a publicação de *Formação da Sociedade Brasileira (1944)*.

<sup>6</sup> Esse período foi trabalhado pelo autor nas obras *Panorama do Segundo Império (1939)* e *Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* dentre outros artigos do autor escritos nesse período

papel do Estado, a importância da unidade territorial e conseqüentemente nacional, as características e formação das populações presentes nesse recorte espacial como ferramentas-chaves para a constituição de um corpo “coeso” chamado nação.

Na obra *Formação da Sociedade Brasileira (1944)*, Nelson Werneck Sodré destacou a importância, naquele momento, de se construir uma análise sobre a sociedade brasileira desde seu passado colonial, podendo assim propor as melhores condições de projetar o país. O autor diz que é imprescindível buscar uma interpretação do passado para fornecer “instrumentos aplicáveis aos caminhos futuros” (SODRÉ, 1944, p.7).

Há no desenvolvimento das sociedades, grandes interesses em jogo, uns prevalecendo sobre outros, chocando-se, rivalizando, e a constatação de que os instrumentos de que se serviu um grupo social para alcançar o melhor lugar no meio em que evoluiu foram estes ou aqueles, sem qualquer ideia moral preconcebida, pertence, sem dúvida, àquele que interpreta tal assunto, sem perturbação evidente de sua justeza de análise.

É preciso, finalmente, lembrar que uma obra de ciência aplicada, de que os conhecimentos teóricos foram meros meios de compreensão e discriminação, dá lugar a uma finalidade. Um estudo da sociedade brasileira, num momento histórico como aquele em que estamos vivendo, não poderia escapar a tal sentido. Dentro do campo vasto e por vezes perturbado das ciências sociais muito se tem discutido a capacidade de prever, e até negado. Parece-me justo que a interpretação do passado serve ao presente, e fornece instrumentos aplicáveis aos caminhos futuros. Não seria interessante, aqui, renovar os argumentos do largo debate. Quem poderia, entretanto, negar a evidência de que possuímos, no Brasil, mercê de causas históricas que nos foram peculiares, consciência de defeitos que vamos buscando abandonar, alguns dos quais quase estão intimamente implantados na nossa herança cultural? (SODRÉ, 1944, p.6-7).

Niló Odália (1997) discute o papel que os intelectuais conceituados como historiadores do final do século XIX e início do XX tiveram na consolidação da Nação através de suas elaborações teóricas. O discurso desses intelectuais influenciou decisivamente na criação de um imaginário sobre o Brasil. Nosso autor encaixa-se perfeitamente nesse propósito, pois, teve suas obras da primeira fase como instrumento de veiculação das propostas de seu grupo, ou seja, da unidade nacional e territorial brasileira.

Cunha (2002) também discute o papel dos intelectuais do início do século XX, mais especificamente das décadas de 30 e 40, que apresentaram um discurso sobre a “Questão Nacional”<sup>7</sup>. Nelson Werneck Sodré foi uma das expressões de um discurso

---

<sup>7</sup> Cunha (2002). Ver página 59.

elaborado para a Nação. Desse intelectual, enquadrado como historiador, e do grupo ao qual pertencia, percebe-se uma visão de mundo ligada àquelas dos intelectuais do Exército; uma visão de mundo direcionada, sobretudo, aos ideais militares de proteção e conhecimento detalhado do território<sup>8</sup>.

Nos militares estavam presentes ideais, ou visões do mundo ligadas à organização, gestão e planejamento do território como também, temas relacionados à formação da população brasileira e das populações regionais.

Para elaborar esse discurso, os intelectuais ligados ao Exército utilizaram da ciência História como uma ferramenta fundamental para que a ideia de Nação fosse forjada. A Geografia, ou o conhecimento geográfico junto à História, teve um papel importantíssimo de (re) conhecimento do território e, sobretudo, na elaboração de um discurso que era apresentado com cunho nacional, porém, dizia respeito também ao território.

A ideia de nação estava completamente vinculada à de população e, conjuntamente, a de território. O discurso elaborado pelos intelectuais que faziam parte ou que respondiam à camada dirigente, vinha na direção de colocar a história como o principal veículo de formação e consolidação da Nação ainda em construção.

A revisão histórica como tema principal das obras dos historiadores e daqueles intelectuais que não tinham uma formação oficial dentro dessa ciência, não se apresentou como uma mera reprodução dos fatos históricos. Historiadores como Varnhagen e Oliveira Vianna apresentaram em suas obras uma revisão histórica que procurou atender “a necessidade básica das nações que estavam em vias de formação.” (ODÁLIA, 1997, p.34).

Os historiadores atenderam ao apelo e procuraram atender a essa necessidade básica das nações que estavam em vias de formação. Eles se admitiram como os forjadores de nacionalidade. Agiram premidos e impulsionados pela urgência e pela consciência da tarefa que tinham a realizar. E é por isso que, para compreendê-los e explicá-los em suas relações com os grupos sociais que os sustentam e dão os elementos de sua concepção do mundo, é necessário que nos detenhamos e procuremos estar o mais próximo do que pensavam ser sua missão. É preciso refletir mais demoradamente nos

---

<sup>8</sup> Nos estudos de intelectuais ligados às forças armadas, sobretudo ao Exército, percebe-se uma preocupação constante com o conhecimento detalhado do território, sobretudo, com os recursos, de qualquer ordem, disponíveis num espaço delimitado. Isso fica evidente nas cartas topográficas e mapas presentes nos estudos desses intelectuais. Nelson Werneck Sodré, Mário Travassos, Golbery de Couto e Silva e Juarez Távora são exemplos desses intelectuais.

elementos e nos fatores que condicionavam sua ação e seu pensamento, e que eles acreditavam ser o cerne para a constituição e a preservação dessa nacionalidade. Quando decodificamos seus escritos, quando nos aproximamos do que tinham em mente, ao falarem em Nação, atingimos o momento-chave do desvendamento. Este é o elemento central, a pedra angular de sua intimidade, que não é apenas a deles, mas de seu grupo social ou dos grupos sociais que se constituem e almejam a direção da Nação, criando, inventando projetos para ela (ODÁLIA, 1997, p.35-6).

A ideia de projeto foi utilizada pelos intelectuais entre o final do século XIX e início do XX no sentido de consolidar algumas questões, tais como: a criação de uma Nação<sup>9</sup> coesa, de uma nacionalidade ainda não criada e do problema da unidade do território, esse, vivenciado desde o período colonial (ANSELMO, 1995).

O projeto de nação elaborado por esses intelectuais foi pensado e elaborado utilizando-se do mecanismo supracitado da “revisão” histórica, fazendo da ciência História e da Geografia uma forma de (re)pensar o Brasil, reescrevendo e construindo uma outra continuidade, ou seja, uma outra história do Brasil: o Brasil que as classes dirigentes desejavam.

O sentimento nacional foi “forjado no dia-a-dia” da vida colonial. Esse sentimento nacional estava mais diretamente ligado com a questão da propriedade da terra, “conquistada e reconquistada”, do que ao sentimento comum de um grupo de pessoas que partilhavam os mesmos valores, “que pudessem transformar uma massa heterogênea num povo, num simples território, numa Nação”. (ODÁLIA, 1997, p.43).

Em tais condições não se tem uma Nação. Tem-se um projeto. Um projeto que deve ser criado, elaborado, esmiuçado e explicado. Um projeto, diga-se de passagem, é uma idealização, mas também uma construção. Enquanto idealização, mas também uma construção. Enquanto idealização, consubstancia os ideais e anseios do grupo social ou dos grupos sociais capazes de compreender o que representa o sentimento nacional e a nacionalidade para seus próprios fins; enquanto construção, ele demanda que se possuam os instrumentos políticos e persuasórios adequados para que se possa transformar a massa heterogênea em um povo que se determina, um território imenso sem unidade, num país e numa Nação (ODÁLIA, 1997, p.44).

---

<sup>9</sup> “O que é uma Nação, quando se admite que seu agente formador não é o povo que a deveria fazer, mas o Estado, entendido como agente tutelar e onipresente em sua ação e em sua omissão? que espécie de Nação deve nascer de um solo primitivamente ocupado por homens, cujo estágio de civilização não ultrapassou a barbárie e cuja incapacidade se revela pelo simples fato de que jamais conseguiram constituir-se como Nação? Que Nação pode surgir do seio de uma população que, formada por três etnias – uma das quais das quais sem nenhuma relação com a terra ou com as outras etnias – não atingiria nem a unidade nem a organicidade de um povo?(ODÁLIA, 1997, p.43).

Nelson Werneck Sodré, intelectual do início do século XX, compartilhou com a prática dos intelectuais do período na elaboração desse projeto para a Nação. Nas três obras analisadas neste trabalho, Sodré demonstra a intenção e a atitude de se realizar tal proposta.

Seremos capazes de conjugar interesses e de articular tendências, de forma a constituir uma comunhão nacional, em que o problema da unidade se estabeleça em linhas precisas, para maior valor de nossa gente e constante desdobramento do Brasil (SODRÉ, 1941, p.120).

A produção intelectual da primeira fase de Nelson Werneck Sodré ocorreu num dos momentos cruciais da História do Brasil, ou seja, no período Getúlio Vargas. A obra apresentou uma ligação direta aos anseios do Estado para com a construção da ideia de Nação e também para com as políticas direcionadas para o território. O projeto para o Brasil que está presente na obra do autor é o mesmo das produções do grupo de intelectuais ao qual pertencia.

Os intelectuais que estavam a “serviço” do Estado no período Vargas, até mesmo durante o Estado Novo, tinham o reconhecimento estatal da sua prática, ou de seu trabalho como intelectual, o que possibilitou uma ampla liberdade de criação.

O Estado lhes reconhecia a vocação para se associarem, como elite dirigente, à afirmação da nação através de sua indispensável contribuição à cultura política nacional. O Estado e os intelectuais, compartilhando o desdém pela representatividade democrática e a nostalgia por uma administração do social que tomasse lugar da política, foram levados a agir como sócios a serviço da identidade nacional. Se os intelectuais aderiram a uma “ideologia do Estado”, o Estado aderiu a uma ideologia da cultura, que era também a ideologia de um governo “intelectual”. Além disso, o Estado não reconhecia outra expressão da opinião pública exceto a representada pelos intelectuais. Vale dizer que o Estado atribuía, de fato, três papéis complementares aos intelectuais: concorrer para a definição das finalidades da ação política, expressar a presença da sociedade civil e dar o exemplo de uma ator social coletivo. No discurso teórico daquele momento, esses três papéis foram interpretados também como três atributos: definir o que fundamenta a unidade social e o que se relaciona ao ato transformador; revelar a realidade; formar uma corporação que assumisse o interesse geral, acima das corporações encarregadas dos interesses específicos. Mais ainda: uma vez que o Estado brasileiro se legitimava por uma dupla aptidão – a de se adaptar às leis que presidem à evolução do real, e a de promover uma racionalidade que orientasse o desenvolvimento econômico e gerasse as relações sociais –, ele conferia à ciência o estatuto de componente primordial da política e, simultaneamente, aos “intelectuais” o de protagonistas privilegiados da vida política. Estado e intelectuais estavam mutuamente comprometidos (PECAULT, 1990, p.72-3).

Assim, Nelson Werneck Sodré, no período supracitado, elaborou teoricamente questões que diziam respeito às necessidades da Nação em construção. A revisão histórica realizada por esse intelectual apresenta-se como direcionamento geral da sua primeira fase intelectual e política.

O século XIX apareceu com destaque nas obras dos intelectuais envolvidos com o projeto de Estado no Brasil. Esse século foi o período principal de consolidação do chamado projeto nacional: o projeto de *construção do país*.<sup>10</sup> Tal projeto foi cunhado no século XIX e as ações práticas que dele surgiram, foram e são vivenciadas até os dias atuais, sobretudo, quando se percebe o processo histórico no desenrolar do século XX no Brasil<sup>11</sup>.

Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. (MORAES, 2005, p.96).

O papel do Estado nesse processo é o de construtor legítimo da nação. É ele que realizaria a construção da nacionalidade, “entendida como o povoamento do país”, (MORAES, 2005). A população aparece num lugar subalterno na construção da nação e o povo era visto como um recurso na construção do país.

O Brasil no início do século XX recebeu esse projeto elaborado pela elite dirigente do século XIX para dar a continuidade necessária a ele. Os intelectuais se apresentaram como um dos grupos dessa empreitada<sup>12</sup>.

As décadas iniciais do século passado foram as principais no sentido da consolidação do projeto nacional. Uma mudança significativa no pensamento brasileiro naqueles anos foi a “superação” da ideia de *civilização* pelos intelectuais. De acordo

---

<sup>10</sup> Moraes, 2005, p.93.

<sup>11</sup> “A eficácia de tal ideologia advém do fato de agregar num mesmo enunciado um conjunto de valores caros às elites, entre eles a sacralização do princípio da manutenção, entre eles a sacralização do princípio da manutenção da integridade do território nacional, valor supremo justificador de qualquer ação estatal”(MORAES, 2005, p.93).

<sup>12</sup> As idéias aqui expostas vão aparecer em variados discursos e em diferentes propostas de distintos atores políticos e de diversos setores das elites ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, podem ser equacionadas como componentes da mentalidade vigente nas elites do país, os quais se expressam em ideologias e discursos singulares que lhes servem de veículo, num processo onde a reiteração de certos juízos “de fundo” acaba por reificá-los, ao alcá-los à condição de verdades inquestionáveis e inquestionadas (MORAES, 2005, p.96).



com Moraes (2005), uma postura cientificista começava a se hegemonizar e acabava difundindo o ideal científico da *Modernização*.

Tal conceito, central no pensamento brasileiro do século XX, reveste-se também de densa espacialidade. Pode-se dizer que modernizar é, entre outras coisas, reorganizar e ocupar o território, dotá-lo de novos equipamentos e sistemas de engenharia, conectar suas partes com estradas e sistemas de comunicação. Enfim, modernização implicava no caso brasileiro necessariamente valorização do espaço. Neste sentido, o país podia ser novamente equacionado como âmbito espacial no qual o Estado devia agir para instalar o novo projeto nacional: a construção do Brasil Moderno. (MORAES, 2005, p.97).

O Estado brasileiro, nos Trintas, promoveu a criação e instalação do aparelho estatal ainda “inexistente”. Getúlio Vargas, como representante do Estado, promoveu o processo de modernização técnica do país em algumas frentes principais: a consolidação da integração territorial, o processo de regionalização do país, as regiões – cada uma com a sua particularidade formando um corpo coeso – e o desenvolvimento do interior do país, integrando-o ao *corpo nacional*<sup>13</sup>.

As propostas do Estado brasileiro no período varguista foram debatidas e elaboradas também pelos intelectuais do país. Elas foram direcionadas, muitas vezes, por visões de mundo diferenciadas. A vigência do pensamento conservador, nesse período, foi nítida. (PECÁUT, 1990) Assim, Nelson Werneck Sodré e o grupo ao qual pertencia, elaboraram seus discursos a partir de suas revisões históricas, no sentido de contribuir para esse projeto nacional.

Nelson Werneck Sodré, na sua primeira fase intelectual, teve suas produções e suas concepções de mundo, ligadas às propostas do Estado. Suas obras *Panorama do Segundo Império (1939)*, *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril (1941)* e *Formação da Sociedade Brasileira (1944)* apresentam temas relacionados diretamente com o processo de modernização no sentido de construir e consolidar o projeto nacional.

Portanto, o projeto nacional é a própria construção o país e discutir as propostas colocadas em debate pelos intelectuais do período é discutir a própria construção do país colocada ou não em prática, conforme já destacou Moraes (2005).

---

<sup>13</sup> Termo cunhado por Nelson Werneck Sodré que designava a área mais desenvolvida economicamente do Brasil.

Estas três publicações, entre os anos de 1939-1944, são as principais revisões históricas realizadas pelo autor naquela fase, dando direcionamentos outros para o país e, conseqüentemente, respondendo ao projeto nacional.

A obra *Panorama do Segundo Império (1939)* buscou compreender o Segundo Império demonstrando a importância que aquele período teve para a sua formação e para a manutenção do território tal como o conhecemos hoje. Essa produção demonstra que primeiro foi assegurada a integridade do território e, posteriormente, os esforços para forjar uma nação foram colocados em prática.

A phase de transição entre a abdicação do primeiro imperador e a maioridade do segundo é das mais difíceis que o Brasil atravessa. Nunca esteve, como nesses annos, em perigo a unidade brasileira, - essa milagrosa unidade que atravessa quatro seculos, atravez dos choques mais terríveis e se mantem atravez dos contrastes mais notáveis. Tanto mais espantosa ella nos surge, - e nos surprehende, - quanto mais estudamos as suas crises e acompanhamos os seus revezes. (SODRÉ, 1939, p.3).

No *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* tem-se um discurso sobre o papel que as terras do interior do país desempenharam e que deveriam desempenhar na consolidação da unidade nacional brasileira. O autor inicia o seu discurso dizendo:

Desconhecido e complexo, quer na sua geografia, quer na sua historia, quer na sua organização social, o Oeste brasileiro permanece uma incógnita. Houve um momento, na distensão territorial da colonia, em que ele surgiu como uma gigantesca promessa. Seria a fonte inesgotavel de todas as riquezas e representaria, ao mesmo tempo, a possibilidade de fuga ao fisco litorâneo, expresso na autoridade dos mandatários do erário lusitano. A arremetida das bandeiras, entretanto, cessado o motivo que a suportava, descaíu bruscamente, deixando uma conquista extensa onde os centros de população se dispersavam (SODRÉ, 1941, p.11).

Sob esse discurso ainda, realizou uma proposta no desenvolver dessa obra que dizia respeito à interligação do território por meio das vias férreas; assunto detalhado numa etapa posterior neste trabalho. A revisão histórica do autor, nessa obra, ajudou-o a construir um discurso direcionado à importância das várias vias de comunicação do país, tanto naturais como aquelas construídas pelo homem. A ideia de nacionalidade nesta obra estava ligada à construção técnica no território, ou seja, para o autor somente a consolidação de um processo de modernização no grande interior brasileiro possibilitaria a construção efetiva da nacionalidade.

A tese central da obra *Formação da Sociedade Brasileira* é a forma como os portugueses organizaram o território colonial deixando-o propício no sentido de inaugurar uma lógica própria das terras brasileiras. O resgate histórico realizado por Nelson Werneck Sodr e permitiu uma (re) leitura da forma o da sociedade brasileira bem como, de visualizar o projeto da elite dirigente do país, ou seja, da constru o do país.

Nessa obra de 1944, Sodr e faz uma crítica aos intelectuais que contam a história brasileira e que ficam restritos   história do “bloco geográfico que vai do bojo nordestino a São Paulo”, ou seja, ao litoral. Nosso autor d  um destaque importante   história do grande interior brasileiro. Isso   uma das características particulares da obra deste autor, em que o interior aparece como imprescindível no desenvolvimento da na o.

A introdu o do livro *Forma o da Sociedade brasileira* destaca a importância do resgate histórico para projetar o país. Seria a partir daquilo que poderíamos denominar de “desvios e erros” do período colonial que, segundo ele, se poderia planejar a vida futura do povo brasileiro; essa parcela que ele afirma que não participa da “vida nacional”.

A certeza de que, em realidade, caminhamos menos do que se julga, confirma a utilidade do exame do passado, para a interpreta o do presente e para a marcha dos anos seguintes, numa fase de transforma es sensíveis, como aquela que vamos atravessar. A ânsia do reformador deverá, então, considerar firmemente a herança cultural, definindo tendências e preferências, passíveis de altera es,   certo, mas segundo a obra demorada e sensível do tempo e da persistência em rumos nítidos, e erguendo-se como barreira perigosa às generaliza es fáceis e ao ímpeto demolidor próprio das horas de mudança. Por mais que certas ufanias nos tenham obscurecido o senso de julgamento, em rela o às nossas próprias possibilidades, e   contribui o que daremos   reconstru o do mundo,   necessário levar em conta que o Brasil ainda   bastante colonial em muitos dos seus aspectos, - o econ mico entre  les, e a visão dessa tormentosa noite de servidão não deve fugir aos nossos olhos, no julgamento do que faremos e do que poderemos fazer.

A estrutura eivada de desvios e erros coloniais que possuímos  , evidentemente, incompatível com qualquer grande esforço que desejemos levar a termo, para encontrar um lugar digno, na comunidade dos povos. A vida nacional ainda se exerce em torno de uma parcela diminuta daquilo que se convencionou chamar de povo brasileiro. A sua maioria, não participa, de forma alguma, - ou melhor, senão sob a pior forma, - da existência do país. Sem congregar, entretanto, pelo menos a quase totalidade dessa massa inorganizada, pouco conseguiremos realizar de sensível. E só poderemos alcançar uma finalidade tão importante quando nos convenceremos de que a herança do trabalho está viscerada de defeitos tremendos, em nosso país (SODR E, 1944, p.7).

O historicismo marcou profundamente a produção científica de Sodré desde a sua primeira fase intelectual. Na verdade nosso autor, neste período, dispõe de uma concepção de mundo autoritária<sup>14</sup>, conservadora e historicista<sup>15</sup>. Michael Löwy (1987) diz que o historicismo não é algo linear, “constituindo em sua fase inicial numa matriz conservadora, seguindo de uma ruptura à esquerda com o relativismo, e constitui-se na sua última fase em uma matriz mediada pelo marxismo”. (CUNHA, P.R, 2002). Segundo Löwy

É importante ver o historicismo, ele mesmo, no seu desenvolvimento histórico. Quando ele aparece, sobretudo na Alemanha, no fim do século XVIII e começo do século XIX, tem um caráter fundamentalmente conservador, ou mesmo, retrógrado, reacionário. Visava legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos existentes na Alemanha, na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e séculos de história, resultados de um processo orgânico de desenvolvimento. E toda a tentativa de abolir, de destruir, essas instituições veneráveis, seculares, históricas, seria arbitrária, anti-histórica, artificial que, portanto, só poderia conduzir à catástrofe.

É em nome do historicismo, desse historicismo conservador, que se condena as revoluções e, em particular, a Revolução Francesa. Mas também se condena o capitalismo, que aparece como uma erupção de algo novo, que está em oposição a estas veneráveis instituições e, portanto, ao desenvolvimento histórico. (LÖWY, M. 1996, P.70).

Neste sentido, a corrente e a etapa que interessa para relacionar a primeira fase do pensamento de Nelson Werneck Sodré é o historicismo relativista. O historicismo relativista foi uma tendência no início do século XX no Brasil que teve uma influência direta com a trajetória política de Sodré. Segundo Cunha (2002)

No seu caso, entendemos que o eixo norteador materialista presente na fase inicial de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo, e claro, a segunda etapa de sua trajetória como historiador possibilitou os suportes teóricos embrionários, mas, igualmente consistentes à sua posterior transição ao marxismo e, claro, a segunda etapa de sua trajetória vocacional como intelectual, quando entendemos ocorre sua transmutação ao

---

<sup>14</sup> Esta concepção de mundo autoritária, percebida no seu 2º livro – *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril* – não perpassou as suas obras a partir do final dos anos de 1940 e início de 1950, quando, em contato com a teoria marxista e a influência desta no seu pensamento, adotou um visão para o Brasil baseada no nacionalismo e na democracia.

<sup>15</sup> Para nos ajudar a discutir esta afirmação utilizaremos do texto de Paulo Ribeiro da Cunha: *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*.

Historicismo Marxista. Nesse sentido, é possível compreendermos através desse instrumental teórico disponibilizado por Löwy sua fase marxista subsequente, bem como perceber como se estabelece a evolução histórica de Sodré como um intelectual pequeno-burguês ao marxismo (...). (CUNHA, P.R, 2002, p.16).

O historicismo aparece, neste sentido, como o eixo teórico que direciona a possibilidade real de transição entre o positivismo e o marxismo, tendo em vista, a condição de intelectual historiador historicista como Sodré se apresentou desde o início de sua produção intelectual. “Ou seja, ainda que essa matriz [a historicista] receba influência de ambas as correntes desenvolvem expressões autônomas ou articuladas a ambas as concepções”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a questão nacional e o nacionalismo no Brasil implica imprescindivelmente discutir o papel que a grande extensão territorial brasileira com as características regionais existentes teve para o projeto de Brasil, sobretudo, quando se percebe que o projeto não deixa de ser a conformação ou a expressão de um nacionalismo ainda em construção.

O projeto nacional como expressão de um posicionamento político no limiar da década de 1930 para 1940, “significa defrontar-se com inúmeros projetos e leituras de vários grupos, como também de inúmeros intelectuais”. (CUNHA, 2002, p.166). Em Nelson Werneck Sodré pode-se perceber nitidamente nas suas produções uma proposta de projeto nacional, vinculado ao discurso de grupos daquele período, voltado, sobretudo, para o desejo do Estado.

No Brasil, as elaborações desse projeto nacional apresentaram um caráter territorialista, como destacado em alguns trechos acima. Muito dessa atenção dada ao território em específico vem de uma necessidade criada pelas classes dominantes do país de manter e integrar a extensão territorial “deixada” pelos portugueses.

Com isso, apareceu no discurso dos intelectuais um debate e proposições analíticas construídas sob as diretrizes da revisão histórica no sentido de contribuir para a consolidação da unidade brasileira baseada na distinção regional do quadro brasileiro. Foi assim que Nelson Werneck Sodré usou do discurso intelectual para projetar uma

possível consolidação da unidade nacional e territorial brasileira na primeira metade do século XX, debate esse construído nas três principais obras analisadas aqui e também no conjunto de cartas e correspondências trocadas com políticos e outros intelectuais.

## REFERÊNCIAS

ANSELMO, R.C.M.S. Oliveira Vianna e a Unidade – **Identidade do Espaço Brasileiro**. 1995. 142 f. Dissertação de Mestrado (Área de concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1995.

CUNHA, P.R. **Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: FAPESP, 2002, 334p.

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MORAES, A.C.R. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2005.

ODÁLIA, N. **As formas do mesmo: Ensaio sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

PECALT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

SODRÉ, N.W. **Formação da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1944.

SODRÉ, N.W. **Oeste: Ensaio sobre a grande propriedade pastoril**. 1<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1941.

SODRÉ, N.W. **Panorama do Segundo Império**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1939.